



vênus

moa SIPRIANO

m o a s i p r i a n o . c o m

VÊNUS

Moa Sipriano

Todos os dias, pouco antes do sol iluminar outras bandas, Vênus deixava suas redes de lado e abandonava por tempo indeterminado seu oculto casebre arrumadinho que beliscava a segunda curva do sonolento Mar Pequeno.

Durante caminhadas vigorosas, exercitando suas maravilhosas pernas douradas a sustentar um corpo deslumbrante, aquela divindade pelúnica perambulava a esmo pela imensidão de areias fofas da selvagem Ilha Comprida.

O traje de passeio jamais era alterado: um calção de náilon puído, ancestral, sem nada por baixo, mancomunado com uma camiseta branca onde se lia em garrafais letras anis, numa imaginária linha reta a unir mamilos eternamente rígidos:

XUPA's?

Assim mesmo, com “xis”.

Vênus, ao contrário do que você poderia supor, não era uma nativa estonteante, mas sim, um belo exemplar de pescador ursino capaz de fazer qualquer *bambee* se escarpelar de tesão e desespero a fim de possuí-lo, nem que fossem por míseros trinta e oito segundos.

Aquele rosto quadrado e fechado era capaz de impor uma carranca de poucos amigos, ao mesmo tempo em que seu olhar longínquo e sonhador faria qualquer macho assumido ou enrustido implorar para chegar aquele desbunde de virilidade num abraço carinhoso durante horas e horas e horas.

Bói-tóim-nhóim-nhóim!

Olhos negros, vívidos, sufocantes. Uma boca delicada, andrógina, onde lábios terracota eram emoldurados por uma farta castanha barba, desalinhada em perfeição, ampliando a alucinação por um impossível beijo inesquecível.

Deixemos de tremer em imaginar aquele rosto real e passemos a sofrer na visualização daquele corpo divino.

Ah, o corpo do pescador que cheirava a peixe misturado com Avanço. Jesus-Maria-José-Simão... aquilo – definitivamente – não era humano!

Moldado ao longo de anos de trabalhos braçais na eterna luta do homem contra a lua das águas durante a intensa busca do cada vez mais raro alimento e parco sustento, Vênus era assim: dono de um corpo tingido de sol que contrastava com uma volumosa cabeleira de sedosos fios acobreados, na altura dos ombros imensos. Um moreno-mate de dimensões e textura e membros e detalhes esculturais que nem em penosos trezentos anos de academia alguém atingiria tamanha perfeição miguelangeana.

Aquele macho selvagem dominava a noção exata do seu extremo poder de sedução. Suas fugas diárias serviam para colocar o resto da humanidade

bambeenrustida rastejando ao seu redor, no breu cortante que emoldurava o longo trajeto das areias úmidas.

O itinerário era imutável: caminhadas pela praia, partindo do Balneário Atlântico e paradas estratégicas em dois “banheirões” localizados no Boqueirão.

Dependendo do clima, talvez rolasse uma cerveja no Surf's e uma cena num desfile discreto, onde as antenas permaneciam ligadas à procura de uma presa desesperada tanto para Belos quanto para Malditos.

A trepada do dia era definida como uma TRE-PA-DA. Nada de ficar na porra das preliminares. Nada de iludido romantismo. Nada de “dia seguinte”. Nada de trocar números de celular. Aliás, nada de perder tempo com papo-furado e currículos falsos, pateticamente maquiados de modo a esconder uma existência cretina.

Nada da vítima somente “pagar um boquete”. A fodaria-pau-no-cu tinha que conter Começo e Fim bem definidos. E tudo rápido, muito rápido!

A cena se repetia todas as noites. T-O-D-A-S!

Vênus não se permitia voltar para sua toca decadente sem antes dar uma bela metida num despreparado de ocasião. Qualquer um, de qualquer tipo, cor, estilo, mania, profissão de fé... quase de qualquer idade.

Vênus fodia seus homens ao ar livre, com a complacência das estrelas; corpos envoltos na sinfonia das areias roçadas, urros sufocados e explosão de um único gozo. Nada mais.

* * *

Então você pode deduzir:

“Uia! Que homem de sorte. E daí que o tal de Vênus detém o fantástico dom de trepar todos os dias com quem e quantos ele quiser?”

A questão é que Vênus curtia o ato selvagem do sexo pelo sexo, sem se preocupar nem um segundo sequer com a saúde e higiene do seu corpo e alma ou a saúde e higiene e bem-estar da sua presa de ocasião.

O impressionante é que Vênus sabia das consequências dos seus atos. Tinha na ponta da língua – mas escondido bem no fundo do bom senso – o que se deve saber sobre todo azar de “doenças do cu”, AIDS e outros bichos medonhos.

Ao ser questionado se ele não se importava em ser infectado por algo prejudicial – na saúde e no lado emocional –, a resposta foi clara e cortante:

“Tregar, pra mim, é um jogo de poder e dominação. Eu *como* qualquer cara que esteja no pique de ser enrabado. Sou um macho-empurra-bosta. Não fodo de camisinha de jeito nenhum e deixo isso bem claro para quem quiser ser abençoado pela minha pica. E pode ter certeza: eles precisam disso tudo aqui. Todo cara que

conheço praticamente implora – com aquele olhar de porca estima – para ser bem fodido de qualquer jeito, como se não houvesse outro amanhã!”

E você aí do outro lado acha que Vênus era um troglodita? Que nada. Homem esforçado, ele acompanhava com atenção a síntese dos acontecimentos relevantes ao redor do mundo; devorava dois livros por semana, emprestados da diminuta Biblioteca Pública da ilha; antes de embalar seus peixes para a venda, lia vários jornais de ontem, degustando com voracidade palavra por palavra, de bom cabo a delicioso rabo.

Nas poucas horas destinadas ao lar, ficava atento a todos os noticiários da TV aberta. Quando pescava, não largava de jeito nenhum seu xonbong-mptrês à prova de intempéries, alternando Bandnews FM com Antena 1 durante toda a labuta.

Sendo assim, por feliz consequência, o moreno barbudo era dono de um papear delicioso, despejando em meus ouvidos perspicazes uma sonoridade tranquila proporcionada por um punhetivo timbre fagundeano.

Infelizmente, Vênus guardava tudo o que aprendia para si mesmo (foi um *coo* fazer o *bofie* se abrir), pois decidira há muitos anos não compartilhar mais sua vida com ninguém. Nada da companhia do que restou da família, nem de cultivar amigos. Bastava-lhe a fidelidade da cadela Nina Hagen e as gaivotas e os peixes e as ondas e algumas estrelas espalhadas no firmamento.

E só!

A verdade é que aquele pelúnico era solitário por imposição própria e egoísta, sem uma única gota de culpa. Simples assim.

Vênus sabia que tinha um vício que jamais seria curado: o desejo demente de pensar e buscar e fazer sexo durante qualquer segundo de falsa liberdade. Ele não admitia resquícios de identidades ou de situações que poderiam prendê-lo a alguém.

Era sempre o mesmo roteiro: tirar, bimbolar, ser chupado, virar o macho para o “de quatro” e foder o rabo alheio nessa única posição até gozar. E fim.

O prazer do outro? O bambee que se contentasse em receber aquela pica de mármore recoberta por veias de ouro, e que gozasse depois em casa, durante um demorado banho para espantar porras e suor e bosta, apenas sonhando e delirando com o ocorrido, ora essa!

Isso todas as noites, seiscentos dias por ano, sem pausa para a solidão de um corpo embebido em lava, cerveja e Vento Sul.

Vênus entrava em parafuso nas raras noites em que não conseguia investir seu pau num cu masculino qualquer – ele pirava, pirava mesmo!

E meter em mulher... *crux-credus*... nem embalsamado! – segundo ele.

(Nesse momento sinto o coral de Coloridas entoando em falsete: “Graças a Deus!”)

Na baixa temporada, Vênus se contentava em comer os mesmos rabos nativos. Havia um rodízio de oito ou dez homens (a maioria casados) que se deliciavam com seu sexo *phoderoso*, eficiente, bem executado.

Já na alta temporada, a fodaria corria solta. Um, dois e, dependendo do pique e do teor alcoólico oferecido pela trigésima Glacial, até três machos eram enrabados no transcorrer de uma única madrugada.

O roteiro-rotina se mantinha: tirar, bimbolar, ser chupado, virar o macho para o “de quatro” e foder o rabo alheio nessa posição até gozar. Pouco importava se o cu (es)trepado estava limpo, apertado, largo, virgem, usado anteriormente, etc.

E fim.

* * *

Quantos “Vênus” e suas camisas “Xupa's” estão perdidos em cada esquina desse mundão, caminhando e caçando e metendo em qualquer um que não consiga resistir aos encantos proporcionados pelos seus corpos malhados e cacetes portentosos que jamais perdem a altivez?

Quantos “Vênus” esclarecidos impõem suas teias de sedução na captura diária de quem pouco se importa consigo mesmo, já que ambos encaram que tudo é válido na hora de uma boa trepada firmada de acordo incomum?

Sem falso moralismo e muito menos hipocrisia, é claro que eu, você e aquele bambee iraniano oculto do outro lado do mundo sonha em trepar com um “Vênus” pescador-caiçara-nativo-tingido-de-sol saltando das páginas de uma Sabrina Jr.!

É muito difícil resistir aos segundos de tentação explícita quando nos deparamos com uma entidade “mágica”, tão esfregada na nossa fuça pelo Padrão. E não deixa de ser um choque tremendo ouvir do *bofie* dos sonhos um relato frio e seco de suas investidas sexuais, onde o que vale é o “meter e gozar e o resto que – literalmente – se autofoda”, ainda mais de uma forma consciente, o que é bem, bem pior.

Qualquer gay já está mais do que berinjala de saber que se cuidar, se proteger e se amar em primeiro lugar deveria estar acima de tudo. É evidente que todo enrustido desolado já caiu uma cacetada de vezes nas graças de uma aventura porreta sem um pingo de preocupação com qualquer regra básica de proteção, em todos os sentidos!

Eu já dei sem camisinha, já comi “empurrando bosta” e também já executei todas as loucuras (conscientes) a que todos nós estamos sujeitos. Afinal de contas, cada coito é responsável pela sua lucidez.

Evidente que foi uma fase necessária, porém ridícula quando analisada pelo crivo do amadurecimento.

O que me assusta, sem dúvida, é saber que homens esclarecidos como “Vênus” (ou talvez eu, ou talvez você) ainda estampam de peito aberto em suas camisas virtuais que estão dispostos a tudo por uma boa metida de escape. Sem medir nenhuma consequência física, moral, etc.

Mesmo Vênus deixando pra lá de explícito como gosta de trepar, é impressionante que ainda há uma quantidade absurda de homens que aceitam ser enrabados no “tudo ou nada e foda-me!”

Recordo a montanha de casados que davam feito *aslôcas* nas praias desertas e escuras da Ilha Comprida e na mesma noite ainda se esforçavam para comer suas mulheres sem sal, nem tempero. Pintos, cus e rachas ardentes!

Fico pasmo ao constatar em minhas memórias a manada de purpurinas alucinadas que batiam ponto no banheirão número dois do Boqueirão, mantendo a coragem e disposição de aconchegar seus rabos sem pregas em dezenas (quando não centenas!) de “Vênus” que pipocavam na ilha, principalmente na Profana Temporada!

Vênus e sua camisa. A camisa de Vênus: “XUPA's?”

Será que vale a pena?

No final...

Quem decide...

É você!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**